

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Paraíso**

código  
**AV-FO3-Sap**

localização  
**Rodovia BR-393, km 110,5 – Jamapará, 3º distrito de Sapucaia**

município  
**Sapucaia (RJ)**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**agropecuária de corte / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



fonte: IBGE - Além Paraíba



Fazenda Paraíso, fachada principal

coordenador / data **Alberto Taveira / jul 2009**  
equipe **Alberto Taveira, Amauri Lopes Jr.**  
histórico **Ana Beatriz França Oliveira (organizado por Alberto Taveira)**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**

Chega-se à Fazenda Paraíso pela rodovia BR-393 (Rio-Bahia). No trecho entre Anta e Jamapar, distritos de Sapucaia (RJ), entra-se  direita no km 110,5, próximo a uma curva para a esquerda (f01). A primeira porteira da fazenda fica a cerca de 50 m deste acesso (f02).

Seguindo-se em aclave por mais 1 km – em uma estrada de terra que serpenteia junto a um morro em saibreira  direita, tendo  esquerda um desnível acentuado –, avista-se a casa-sede, após passar-se sob os cabos de alta tensão das torres elétricas de Furnas (f03).

A morada localiza-se  esquerda do caminho, implantada sobre um platô, em parte contido por arrimo em pedra seca (f04). O entorno imediato compõe-se por morros baixos com trechos rarefeitos de mata e cobertos, em sua quase totalidade, por rala vegetao para pasto (f05).

Contornando a murada, chega-se a uma outra porteira – ladeada pela tulha de milho e antecedida pelo conjunto de currais – (f06), que veda o acesso aos fundos da casa-sede, por onde se d a entrada mais usual a seu interior, feito pela atual cozinha, na lateral, ou mais raramente, pelo alpendre envidraçado de fundos ali existente (f07).



01



02



03



04



05



06



07

Numa subversão da ordem usual de um quadrilátero funcional padrão das fazendas de café do Vale do Paraíba, a antiga tulha (f08), ou o que restou dela, e a tulha de milho, em oposição à secagem do café, frontal (f09), voltam-se aos fundos e limitam, por sobre a base de pedra da contenção do platô (f10), uma agradável área gramada retangular, contígua à fachada de fundos da casa-sede, que mantém tanque em cimentado e é sombreada por frondosas árvores (f11 e ver f08).

Aos fundos, próximo aos currais (12), em posição mais elevada, há resquícios do maquinário do engenho de cana – neste caso particular, posterior à época do café – e do local de sua roda d'água (f13), cujas calhas se perderam. Não há mais senzala, tendo sido informado pelo proprietário que a mesma era em “ferro” – localizada num morro mais acima –, e que a mesma foi demolida após a compra da fazenda, há cerca de 25 anos.



08



09



10



11



12



13

Para a fachada principal da casa-sede – vista à distância do caminho em terra que se percorre para seu acesso (ver f03) – voltam-se os antigos terreiros de secagem de café em plano inferior (f14). Em sua lateral esquerda, encontram-se resquícios do sistema de lavagem dos grãos (f15), com as ruínas de seu tanque, onde destaca-se um ciclópico ralo metálico, ancestral do tipo abacaxi, em forma de pirâmide (f16 e f17).

O “quadrilátero funcional” desenvolve-se em três níveis. O platô mais elevado comporta, em meio a um gramado com árvores de grande porte, a casa do administrador, a tulha de milho, as ruínas da antiga tulha de café e os fundos da casa-sede. No nível do acesso frontal, um gramado envolve as fachadas principal e laterais e, por fim, o antigo terreiro de secagem de café com acesso por escadaria em pedra com quatro degraus e as ruínas de seu sistema de lavagem de grãos em nível mais baixo.

Do pavimento nobre, tem-se a vista livre e descortinada até ao rio Paraíba do Sul, seu vale e, mais além, sintetizando a região, o município de Além Paraíba, em Minas Gerais (f18).



14



15



16



17



18

A Fazenda Paraíso está assente sobre porão com pé-direito muito elevado, constituído por grossas paredes portantes de pedra argamassada, quase toda regular (f19), complementado por divisórias internas que definem a escada entalada de acesso externo ao pavimento superior, em adobe (f20). A fachada principal e parte das laterais apresentam dois pavimentos e a de fundos apenas um, aproveitando a declividade do terreno, num partido formal similar ao de muitas das fazendas da região, quase que uma característica arquitetônica do vale.

O prédio conta com arcabouço em madeira, formando uma gaiola estrutural imponente, com esteios, madres, barrotes, frechais e demais elementos do madeirame ocultos externamente pela argamassa de revestimento (f21). A eles somam-se os cunhais com embasamento em pedra, para responder pela solidez do conjunto. A vedação do pavimento superior é feita em pau-a-pique, contraventado nas empenas internas com situações mais limites (maiores panos) por espécie de enchainel de asnas em madeira a 45° (f22).



19



20



21



22

O telhado mantém quatro águas, cumeeira exígua no sentido paralelo à fachada principal – o que determina uma planta próxima a um quadrado –, ponto elevado e cobertura em telhas capa e canal (f23).

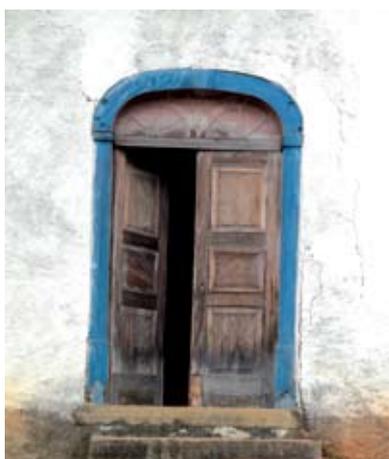
A fachada principal revela descompromisso com a simetria, possuindo, no nível do porão, três vãos de porta excêntricos e de formato e dimensões diversas entre si. Na esquerda, o maior deles, em arco de três centros com cercadura em pedra, ombreiras e aduela, atualmente sem porta. Através dele se dá o acesso ao interior do porão, por uma escada externa com quatro degraus em pedra (f24). Próximo ao eixo de simetria, mais deslocado para a direita, outro vão em arco de três centros, porém, mais atarracado, leva, através de escada em madeira torneada enclausurada, ao pavimento nobre. Apresenta cercadura em madeira pintada em azul, sendo vedado por esquadria em madeira, almofadada com duas folhas de abrir e bandeira fixa que inscreve à verga dois arcos plenos com caixilhos radiais. Esta portada de acesso à casa-sede é antecedida por escada em pedra de apenas dois degraus (f25). Por fim, à direita, um vão em verga reta de menores dimensões – também com cercadura em madeira pintada e com esquadria almofadada de duas folhas e bandeira em caixilhos de vidro – dá acesso a um depósito no porão (f26).



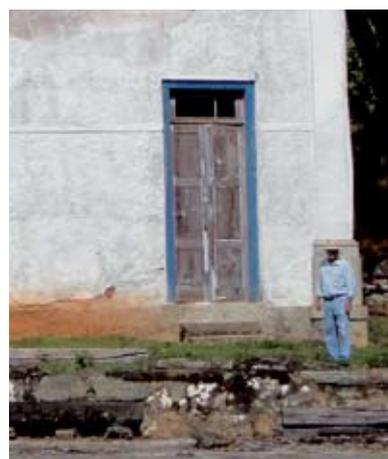
23



24



25



26

O pavimento nobre da casa-sede possui maiores preocupações com o apuro formal e com a simetria, comportando nove vãos de janelas, com verga em arco pleno e cercaduras em madeira, guarnecidos por esquadrias em madeira, com guilhotinas externas em caixilhos de vidro e bandeira fixa com delicados caixilhos de motivos flamejantes, vedadas internamente por esquadrias em madeira almofadadas com duas folhas de abrir, todas as peças de madeira pintadas de azul. Sobre a janela localizada no eixo de simetria da composição, há uma cartela em estuque em arco pleno invertido com a inscrição, em meio a uma guirlanda, da data de 1857 (f27). Terminando a composição, barra lisa e o beiral acachorrado simples, sem cimalha.

As fachadas laterais direita (f28) e esquerda (f29) apresentam a mesma tipologia no que tange a vãos e esquadrias, ressaltadas, naturalmente, as diferenças de acordo com as especificidades que a planta impõe.

Na fachada de fundos, destaca-se sobremaneira o alpendre envidraçado, vedado por correr de treze janelas em verga reta, com esquadrias em madeira de guilhotina com caixilhos de vidro e bandeiras fixas em arco pleno, inscritas à verga reta (f30). Estas vidraças estão entremeadas a uma porta com verga em arco pleno, excêntrica e com esquadria em madeira almofadada com bandeira fixa em caixilho de vidro. Sobre ela há uma cartela em madeira com desenho caprichoso que apresenta a inscrição da data de 1859 (f31). Ladeando-o, pela direita um pequeno apêndice, datado de 1927 – época provável da demolição do conjunto de serviço original (ver f29) – por onde se faz o acesso contumaz, através da nova cozinha, ao interior da edificação (f32).



27



28



29



30



31



32

O porão conta com três acessos, dois frontais e um pela lateral direita, desprovido de vedação. Mantém atualmente pavimento livre, exceção feita ao depósito frontal à direita. Conta com paredes espessas em pedra e esteios de madeira nas linhas de paredes do pavimento nobre, além de uma janela na lateral esquerda, também sem esquadria (f33 e ver f21).

A escada de acesso ao pavimento nobre (f34) leva à sala de jantar com teto em gamela (f35). Através dela tem-se acesso a dois salões frontais idênticos, nos extremos direito (f36) e esquerdo (f37); a uma capela muito alterada – que também volta-se para a sala de estar à esquerda (f38); e ao alpendre envidraçado, com WC novo anexo (f39). Deste alpendre, se pode chegar ao gramado localizado aos fundos; a um quarto, próximo ao WC (que também tem acesso pelo salão frontal à direita) (f40); e à copa, à esquerda (f41). Esta volta-se para uma alcova com WC anexo (f42) e à cozinha, por onde se faz o acesso mais comum à casa-sede (f43). O quarto principal da casa-sede tem acesso comum pelos dois salões frontais e nele foi construído um banheiro (f44). Há ainda uma pequena alcova que se volta ao salão à esquerda e ao quarto principal (f45).

Como elementos a destacar o lavatório no salão à esquerda (f46), as bandeiras em vidros coloridos e a pintura das portas entre a sala de jantar e o alpendre, em *trompe-l'oeil*, imitando madeira (f47).



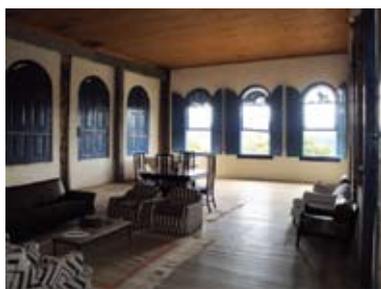
33



34



35



36



37



38



39



40



41



42



43



44



45



46



47

No porão há indícios de subdivisões antigas em pau-a-pique, em virtude da existência de peças em madeira com o registro de ensambladuras (f48), bem como traves abandonadas no terreiro de café, com furos onde se encaixavam as varas verticais da taipa de sopapo (f49). Atualmente usado como depósito, apresenta aspecto de abandono, com algumas paredes incompletas e/ou parcialmente demolidas (f50 e ver f20). Recebeu reforço estrutural em concreto na empena direita de quem o vê de fora (f51), na mesma época em que o telhado foi refeito, há cerca de cinco anos.

O proprietário informou que a casa-sede, devido à sua localização, sofre terrivelmente com a incidência dos ventos dominantes, sendo o telhado a parte mais atingida, o que ocasiona vez por outra a substituição de telhas arrancadas. Porém, a grande altura de seu ponto é um empecilho à manutenção sistemática.

Em geral as esquadrias carecem de revisão e pintura, havendo alguma falta de vidros e destruição de caixilhos (f52). Falta a porta em arco de três centros de acesso ao porão (ver f24).

As paredes externas necessitam de caiação, sendo flagrante a recomposição incorreta de revestimentos em argamassa, com traço à base de cimento (f53).



48



49



50



51



52



53

Internamente, o porão mantém seu piso em terra batida (f54) e, no pavimento superior, os pisos em madeira do tipo junta seca, alguns encabeirados, encontram-se em bom estado de conservação, necessitando, entretanto, enceramento. No salão à esquerda, há interessante exemplo de uma simplória marquetaria, com o singular detalhe de janelas retangulares para verter a sujeira varrida diretamente para o porão (f55 e f56). O piso de parte do alpendre envidraçado, na área destinada à copa, é em cimentado vermelho (f57) e o da cozinha em ladrilhos hidráulicos, apresentando já algum desgaste (f58).

Com motivação decorativa, foram deixados à mostra nas paredes alguns esteios, com seus talhos a enchó e com os cravos característicos para fixação da argamassa de revestimento (f59). Próximos à escada, foram abertos vãos nas paredes, um dos quais conflitante com a porta que veda o acesso a esta (f60 e f61). No salão à esquerda, foi entaipado o vão que comunicava a parte social e íntima da casa com o antigo setor de serviço, há muito demolido (f62 e ver f29). O reforço estrutural em concreto feito na lateral direita deixou à mostra pilares e vigas revestidos em chapisco, numa solução estética incompatível com a casa (f63).

Um banheiro foi acrescido ao quarto principal, inclusive com caixa d'água independente e elevação do piso, para comportar a instalação sanitária necessária (f64).

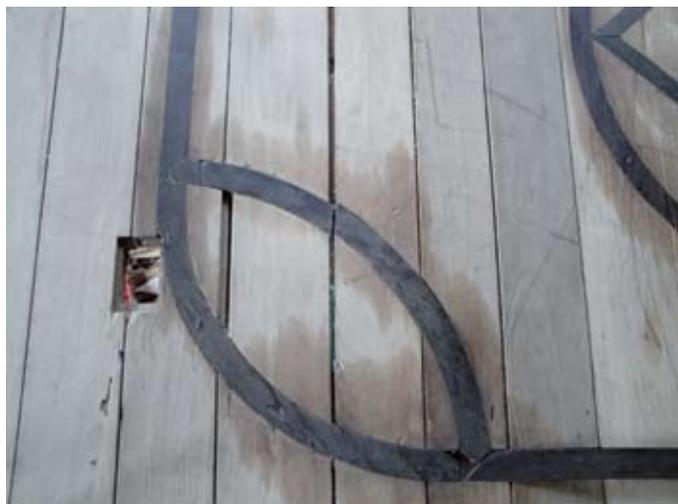
Os forros em madeira, segundo informação do proprietário, estavam muito comprometidos quando da compra da fazenda, devido aos problemas existentes na cobertura. Assim, foram substituídos, sem a devida atenção com a originalidade, por outros também em madeira, porém, no padrão de mercado atual, cuja perda maior, sem dúvida, foi a do o teto em gamela da sala de jantar do qual só restou a cimalha, tinta em azul (f65). Sanados os danos no telhado, não foram observados graves problemas nos forros, com exceção de um dos cômodos, onde há marcas de umidade descendente (f66).



54



55



56



57



58



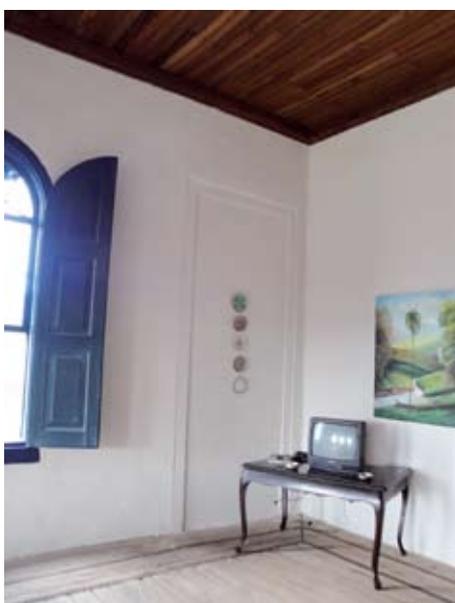
59



60



61



62



63



64

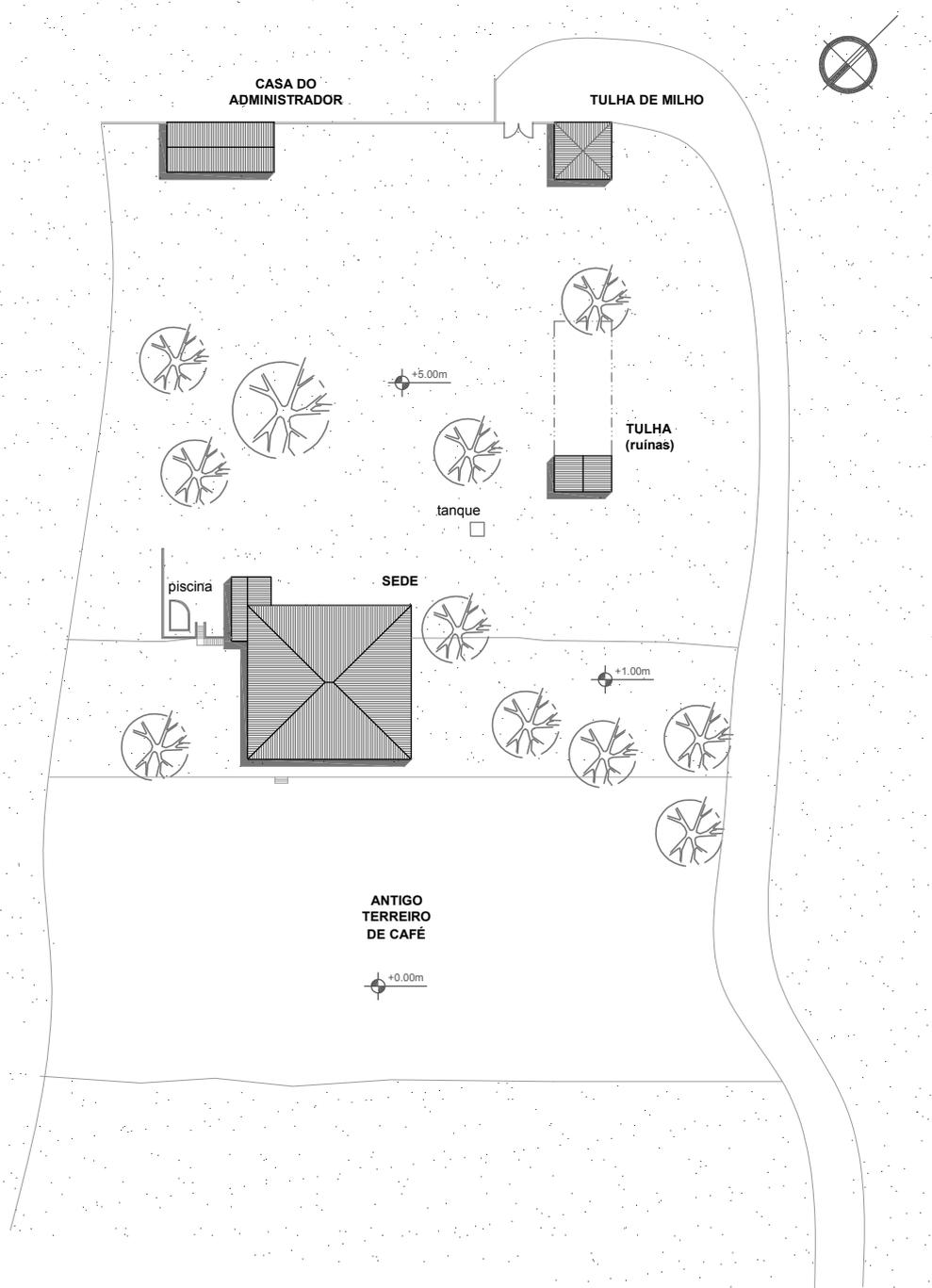


65



66

# FAZENDA PARAISO

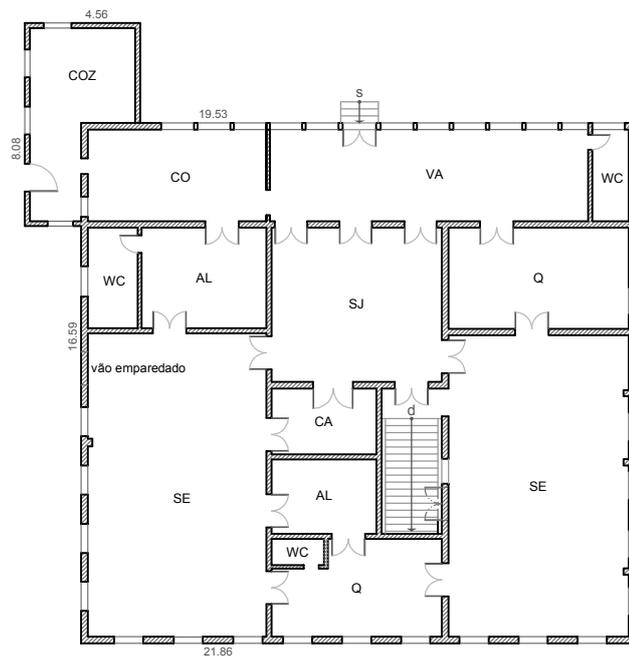


**1** Implantação  
escala: 1/1000

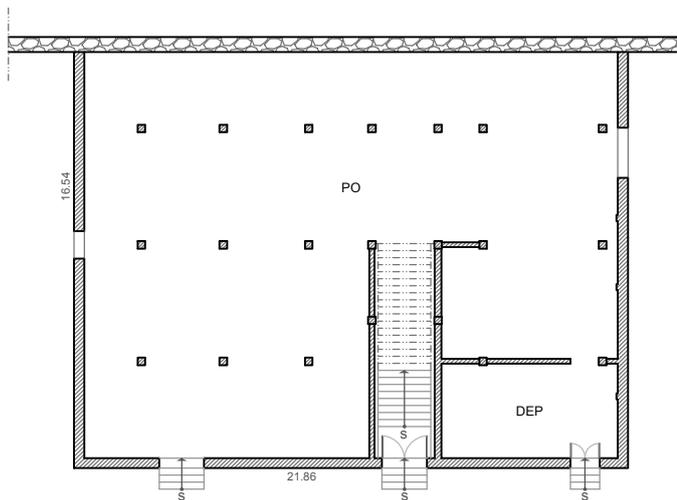


Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AV - F03 - Sap		<b>1/2</b>
equipe:	desenhista:	revisão:	data:	
Alberto Taveira/ Amauri Lopes Junior	Amauri Lopes Junior	Francyla Bousquet	ago 2005	

**FAZENDA PARAÍSO**



**2** Planta Baixa da Sede - 2º Pavimento  
escala: 1/300



**1** Planta Baixa da Sede - Térreo  
escala: 1/300



AL - alcova	CO - copa	DEP - depósito	S - saleta	SJ - sala de jantar	VA - varanda	alvenaria existente
CA - capela	COZ - cozinha	PO - porão	SE - sala de estar	Q - quarto	WC - banheiro	alvenaria demolida

De acordo com o senso de terras, em 1856<sup>1</sup>, a Paraíso era propriedade do dr. Francisco de Souza Brandão, que provavelmente fundou e edificou a majestosa sede da fazenda em 1857. No mesmo senso, Brandão declara que tais terras foram adquiridas através de compra. Entre seus vizinhos mais ilustres, estava o marquês do Paraná, proprietário da Fazenda de Lordello. Localizada próxima às margens do Rio Paraíba do Sul, na antiga localidade de Porto Novo do Cunha, atual Jamapar, a Fazenda Paras fazia parte de um complexo de fazendas fundadas pelos Souza Brandão. Entre os anos de 1848 e 1859, o barão de Aparecida, comendador Francisco de Souza Brandão, foi médico e juiz de Paz na antiga freguesia de Nossa Senhora Aparecida<sup>2</sup>, a cuja jurisdio sua fazenda pertencia. Faleceu por volta de 1869, deixando sua fazenda para seus herdeiros. Possuiu muitos proprietários<sup>3</sup>, e, devido ao grande número de permutas feitas ao longo de sua existência, atualmente, possui 120 alqueires geométricos.

Construída durante os tempos áureos do ciclo do café, como tantas outras fazendas da região do Vale, a Paras sobreviveu ao período de decadência da cafeicultura, que teve início com o esgotamento do solo, a libertao dos escravos e a queda internacional do preço do produto, fatos que aconteceram entre 1888 e 1929.

De 1883 a 1912, a fazenda pertenceu ao acadmico cearense Virgílio Brígido<sup>4</sup>. Virgílio era amigo e conterrâneo de João Capistrano de Abreu<sup>5</sup>, considerado o maior historiador da era colonial do Brasil. Ambos foram membros fundadores da Academia do Ceará, onde teve início uma amizade que se estendeu até o Rio de Janeiro, a capital da República, para onde os dois vieram. Virgílio casou-se com Maria Brandão, filha de José de Souza Brandão, o Barão de Aparecida, de quem herdaram a Fazenda Paras.

Segundo consta, era uma vocao para a literatura que a política embotou<sup>6</sup>. Os laços estreitos de amizade que mantinha com Capistrano fizeram com que o historiador passasse a freqüentar a fazenda<sup>7</sup>. De acordo com registros bibliográficos, Capistrano teria trazido dois índios do Ceará para a Fazenda Paras, onde permaneceram por dois anos e teriam sido instrumento de uma das muitas pesquisas lingsticas do historiador. Deste estudo nasceu uma obra inacabada: *A gramática da Lingua Kaxino*.

Como curiosidade, conta-se que no ano de 1938, foi encontrado um tesouro do séc. XVII nas terras da fazenda. O proprietário de então, Dr. Arthur Teixeira Cortes, foi obrigado a juntar homens e armas para defender seu patrimnio da invasão de pessoas a procura da fortuna. Na verdade, e sem que ele soubesse, os saqueadores já tinham levado moedas cunhadas do ano de 1600, jóias e objetos que estavam enterrados. Depois descobriu-se que esta região era rota de tropeiros e contrabandistas vindos das cidades do ouro, em Minas Gerais, e que estes provavelmente esconderam o tal tesouro na fazenda.

Do antigo casarão, ainda existe o bloco central, com seus salões e alguns quartos, restando tmm os pátios de café, as ruínas da tulha e do engenho de cana. Até o final do séc. XIX o sobrado era de grandes propores, constituído por um bloco central, ainda existente, articulado a dois outros blocos nos fundos, perpendiculares, formando um "U". Estes dois blocos voltados aos fundos foram demolidos há cerca de 90 anos.

Diz a lenda que existiam 365 janelas no casarão, ou seja, uma para cada dia do ano. Exagero ou não, o fato  que o tamanho agigantado da casa foi relatado em cartas de João Capistrano de Abreu.

A data afixada na fachada principal do sobrado (1851), refere-se  sua construo. Um segundo registro, de 1859, localizado no alto da fachada de caixilharia dos fundos, provavelmente indica a época do término desta área da casa. Por fim, a data de 1929, na parte externa da atual cozinha provavelmente indica o ano de construo ou reforma da mesma. Pode-se deduzir que o Sr. Victor Henrique Galhardo, o então proprietário, foi o responsável pela obra ou reforma da cozinha, que não  a original dos blocos existentes na época da fundao da fazenda.

A Fazenda Paras chega aos dias de hoje mantendo uma pequena criao de gado para corte em meio aos esforços dos atuais proprietários para sua conservao.

#### Fontes:

<http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/desc/capistrano/capituloscapistrano.htm>

ARAÚJO JORGE, J. G. de. *Os Mais Belos Sonetos que o Amor Inspirou*. 1 edo.

<sup>1</sup> Livro de Registro Paroquial de Terras. Propriedade de Francisco de Souza Brandão. Registro feito em 17 de fevereiro de 1856, Livro 45, p.22v. Registro não 77. Freguesia de Nossa Senhora Aparecida. Magé. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleo RT.

<sup>2</sup> Teve origem na capela de Nossa Senhora Aparecida, elevada a paróquia em 1842 com uma área desmembrada da freguesia de São José do Rio Preto e Nova Friburgo. Deste município desmembrou-se em 17 de maio de 1847, incorporando-se ao de Magé. Nesta mesma freguesia, surgiu, às margens do Rio Paraíba do Sul, próxima a uma enorme sapucaia, uma pequena povoao que, em 18 de novembro de 1871, foi elevada a freguesia de Santo Antnio de Sapucaia. Em 7 de dezembro de 1874, foi desmembrado de Magé, tomando-se município autnomo.

<sup>3</sup> Proprietários da Fazenda Paraíso:

- 1851-83 – Francisco de Souza Brandão;
- 1883-1912 – Virgílio Brígido & Maria Brandão Brígido (herdeira do Espólio do Barão de Aparecida);
- 1912-20 – João Henrique Monnerat, Luis Jose Monnerat & Maria da Veiga Monnerat;
- 1921-25 – Coronel José Affonso Fontainha Sobrinho & Laura Freire Fontainha (permuta da Fazenda Paraíso com a Fazenda São Clemente, em Cantagalo-RJ, de propriedade do Coronel José Affonso Fontainha Sobrinho (Documento de Escritura registrado no 10º Ofício de Notas, Livro 119, folhas 22 à 24, Microfilme 002-23-79 do Arquivo Nacional);
- 1925-27 – Coronel Ottoni Diniz Manso & Joanna de Castro Manso Monteiro (permuta das fazendas Santa Maria e São Lourenço, em Valença-RJ, pela Fazenda Paraíso com o Coronel Ottoni Diniz Manso (10º Ofício de Notas- RJ, Livro 125, Folhas 71 a 72 V, Microfilme número 002.24-79). Ottoni Diniz Manso foi Engenheiro Civil, Agricultor e Prefeito de Além Paraíba, de 1913 a 16;
- 1927-28 – Augusto Pullig & Anna Keller Pullig;
- 1928-38 – Victor Henrique Galhardo & Maria Laudelina Cerqueira Galhardo;
- 1938-64 – Arthur Teixeira Cortes & Lenira Teixeira Cortes;
- 1964-81 – Cesaro Fávero & Odette Fadel Fávero;
- 1981- Herdeiros de César Fávero (José Fávero Netto, Denise Campos Fávero e Nilson Ney Ruback Frauches) (23 de Dezembro de 1980- Permuta com a Fazenda Gema

Nova, em Pirapitinga, MG) Sylvio Geraldo França & Carmélia Faria França;

- 1983-até os dias atuais – Jonas Azevedo Oliveira & Sonia Maria França Oliveira;

Há relatos de outros proprietários da fazenda, mas infelizmente não foi possível encontrar os registros das escrituras e contratos destas transações.

Fontes: de 1925 a 2008 - Cartório do 2º Ofício- Registro Geral de Imóveis- Sapucaia-RJ;  
de 1859 a 1921 - Arquivo Nacional-RJ.

<sup>4</sup> Virgílio Brígido, nasceu em 24/04/1854, no Ceará e faleceu em 20/10/1920, no Rio de Janeiro. Foi bacharel da turma do Recife, em 1880; membro Fundador da Academia do Ceará; Advogado; Professor de História, Geografia e Inglês; e Deputado Federal entre 1900-12, herdando a Fazenda Paraíso de seu sogro, O Barão de Aparecida. Fonte: FAÇO, Boanerges *in* Os Fundadores do Instituto do Ceara.

<sup>5</sup> João Capistrano Honório de Abreu nasceu em Maranguape-CE, em 23/10/1853, e faleceu no Rio de Janeiro, em 13/08/1927. Um dos primeiros grandes historiadores do Brasil, dedicou-se ainda aos campos da etnografia e da lingüística. Sua obra caracteriza-se pela rigorosa investigação das fontes e por uma visão crítica dos fatos históricos.

<sup>6</sup> Talvez, sobre a Fazenda Paraíso:

PRIMEIRA PÁGINA

Virgílio Brígido

Este é o meu Horto. E aqui, se nessas ledas  
manhãs subirdes, almas descuidadas,  
piedade! há cruces novas nas veredas,  
há lírios mortos nas encruzilhadas. .

Na penosa ascensão destas estradas,  
olhai: cinza de extintas labaredas.  
o jazigo das glórias malogradas  
erguido à sombra destas alamedas. .

É o meu triste Jardim das Oliveiras,  
onde as gotas sorvi do mosto incerto  
de minhas penas; e onde, horas inteiras,

fico rezando como um velho monge,  
vendo meus males cada vez mais perto,  
minha Saudade cada vez mais longe...

<sup>7</sup> O escritor e historiador cearense José Capistrano de Abreu gostava de passar temporadas na Fazenda Paraíso, próxima a Porto Novo do Cunha, como mostram trechos de cartas enviadas a seus amigos ente 1893 e 1909: “Porto Novo do Cunha, Fazenda do Paraíso, 27-12-1893 (...) Estou aqui haverá uma semana, na fazenda do Paraíso. Ando a cavalo todos os dias e tomo muito leite. Os dias são quentes, mas as noites agradáveis (...). (destinatário desconhecido). “Escrevi-lhe esta carta da fazenda do Paraíso às margens do Paraíba. Vem-se aqui pelo Porto Novo do Cunha, mas a fazenda pertence ao Rio de Janeiro, no município do Carmo, se estou bem informado. (...) Paraíso, 27-5-1901” (carta a Antônio Jansen do Paço). “Paraíso, 18-8-1901. (...) O Paraíso donde lhe escrevo é fazenda do Virgílio Brígido. O Paraíba banha o pé do morro donde lhe escrevo; do outro lado do rio passa a estrada de ferro Central; o Porto Novo do Cunha fica a cinco quilômetros e é o povoado mais próximo. Na casa, que é enorme, estamos sós, o sogro do Virgílio e eu: trata-se, pois, de verdadeiro retiro espiritual. Por aqui pretendo ficar até setembro (...)” (carta a Guilherme Studard). “Recebi sábado sua cartinha de 4, com o bilhete, e muito agradeço. Talvez esteja no Porto Novo o dinheiro; ontem, porém, não fui lá, porque o cavalo em que costume andar está pisado e não aguenta sela; hoje ainda não tivemos portador. (...) Paraíso, 9-9-1901” (carta a Mario de Alencar). “Amanhã pretendo sair em excursão às margens do Paraíba, contra o qual vou perdendo minhas velhas antipatias. Mover-me-ei entre Volta Redonda, no ramal de S. Paulo, e Porto Novo do Cunha, passagem obrigada para a fazenda de nosso amigo Virgílio. Antes, em Santana, às margens do Pirai, passarei uma semana com Sá (...)”. Rio, 12-4-1905” (carta a Guilherme Studard). “Desci ontem a Porto Novo passar um telegrama de felicitações a Sinhoca. Chegando à estação da estrada, tive a notícia da morte do (Afonso) Pena. (...) Paraíso, 16-6-1909” (carta a Pandiá Calógeras). “Porto Novo ou Carmo, 17-6-1909. Meu caro Veríssimo, Paraíso, donde lhe escrevo, fazenda do Virgílio Brígido, pertence ao Rio, mas a estação mais próxima fica em território mineiro, à esquerda do Paraíba, chama-se Porto Novo do Cunha. Vim passar alguns dias (...)” (carta a José Veríssimo). “Tenho passado todo este tempo na fazenda do Virgílio, com um cunhado administrador, Vicente e uma cozinheira. Porto Novo dista cinco quilômetros; os jornais chegam às 4 horas da tarde; o Paraíba corre a uns cem metros. Paraíso, 19-9-1909” (carta a Guilherme Studard).

